



17. A INTERNET COMO EXERCÍCIO DA INTERCULTURALIDADE - UM ESTUDO DE CASO DO BLOG INDÍGENA ARCO DIGITAL

SESSÃO - 02

*Renata Daflon Leite**
*Vera Dodebei***

Resumo

Os índios tem mais facilidade com Internet do que o homem branco. Partimos da ortóptica para defender um pensamento hipertextual específico. Um estudo de caso do blog Arco Digital mostra as mídias pós-massivas no protagonismo indígena, a proteção patrimonial e o ato de resistência de uma Memória Criativa intercultural.

Palavras-Chave: Blogs Indígenas; patrimônio em rede; memória criativa; cibercultura; interculturalidade

Resumen

Los indios les resulta más fácil con la Internet que al hombre blanco. Partimos ortóptica para defender una específico. Um hipertextual pensar estudio de caso del blog de arco digital tiene los medios de comunicación posterior a la de los líderes indígenas, la protección de activos y un acto de resistencia la memoria cultural Creativa.

Palabras clave: Blogs Indígenas; Patrimonio de redes; memoria creativa; cibercultura; interculturalidad

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) renatadaflon@gmail.com

** Professora Associada II da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (mestrado e doutorado). Graduada em Biblioteconomia e Documentação (USU), com mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Comunicação e Cultura (UFRJ). dodebei@gmail.com



A Internet pode se apresentar enquanto um veículo dialógico intercultural, gerador de práticas ciberculturais construídas por sujeitos pertencentes à estruturas socioculturais diversas. Estabelecemos aqui, alguns paralelos entre a ‘Cultura Indígena de Tradição Oral’, a ‘Cultura Letrada’ e a ‘Cibercultura’, no intuito de refletir sobre pontos de contato possíveis entre as diversas formações cognitivas, linguísticas, sócio-culturais ou mesmo fisiológicas estimuladas por estas três formações culturais.

Um instigante caminho de análise pode ser encontrado na ortóptica, área da medicina de reabilitação que estuda a Saúde Visual. A ortoptista Viviam Secim aponta algumas questões referentes ao processo de letramento, pelo estudo comparativo da função binocular de sujeitos urbanos e índios. Secin (2009; 2007) vai empregar em sua pesquisa a concepção sócio-interacionista vygotskiana, segundo a qual o desenvolvimento cognitivo do sujeito se dá a partir de uma conjunção de influências biológicas e culturais. Procuraremos, neste artigo, adotar este ponto de vista, a fim de ressaltar que Culturas de Tradição Oral apresentam processos cognitivos diferentes daqueles desenvolvidos nas Culturas Letradas. Da mesma forma, podemos considerar a Cibercultura como um modelo cultural que implica algumas especificidades.

A escrita exige, portanto, uma visão mais proximal, discriminativa e convergente, a oralidade, ao contrário, apresenta uma visão divergente e panorâmica, propiciada pelo meio em que se desenvolve. Desta forma, tanto o “homem branco da cultura escrita” quanto o “indígena da cultura oral” trariam marcas funcionais binoculares¹ em relação à ‘arquitetura’ da tela do computador.

Apesar da tela do computador exigir um foco de atenção proximal e um olhar discriminativo, apresentando exigências visuais similares àquelas relacionadas à cultura escrita, podemos considerar o uso do computador enquanto máquina dialógica. Cabral Filho² sugere que “o computador é a primeira ferramenta que não tem função pré-definida, sendo capaz, portanto, de adquirir funções novas. O computador, enquanto ferramenta, já teria passado do cálculo computacional à computação gráfica, desta à comunicação, porém, a grande evolução desta ferramenta, foi passar da comunicação ao diálogo.”

O lingüista David Crystal acrescenta elementos importantes para esta discussão quando considera a Internet como um veículo comunicacional revolucionário, que apresenta possibilidades diferentes da fala e da escrita. “A comunicação mediada por computador não é idêntica à fala ou à escrita, mas exibe certas propriedades seletivas e adaptáveis





presentes em ambas.”(Crystal, 2005 p. 90)

Pierre Lévy (1999, p. 21) afirma que “não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal (junto com a linguagem e as instituições sociais complexas)”. É neste sentido que o autor de ‘Cibercultura’ ressalta o modo como o estribo condicionou o surgimento da cavalaria e de toda formação social do feudalismo, indicando porém, que de nada servem as técnicas sem a capacidade inventiva e interpretativa de pessoas e coletivos e que, “as mesmas técnicas podem integrar-se a conjuntos culturais bastantes diferentes”(1999, p. 25). Estamos, porém, de acordo com o pensamento defendido por Lévy que vai na ‘contramão’ de uma filosofia mecanicista, anulando qualquer tentativa de encontrar uma relação de causalidade nas mais diversas formações sociais.

1. Cultura Oral, Letrada e Ciber: proposições semióticas e cognitivas

Propomos aqui uma reflexão sobre a configuração de uma estrutura semiótica cibercultural. Consideramos que o regime de signos na Internet é regido por uma concepção espaciotemporal específica, que vigora no ‘direito ao link’

como unidade básica de construção da web, rede essencialmente hipertextual:

Outra característica das comunicações mediadas por computador nos leva para mais longe ainda da escrita tradicional. Provavelmente, a mais importante é o link de hipertexto – o salto que os usuários podem dar se desejarem ir de uma página ou site para outro. Ele é a propriedade funcional mais importante da web, sem a qual o veículo não existiria, e encontra paralelos em algumas das convenções do texto escrito tradicional. O uso de notas, por exemplo, é um tipo de link de hipertexto primitivo, que faz o olho se mover de um pedaço da página para outro, ou de uma página para outra (se as notas estiverem reunidas no final do livro, como no presente volume). O uso de citações bibliográficas ou de referências cruzadas (como “ver p. 333”) dentro de uma frase oferece outra oportunidade para o leitor romper com as convenções da visão linear. Mas essas características estão à margem da linguagem escrita tradicional; podemos nos lembrar com facilidade de textos que não possuem nenhuma nota ou citação. Já a web, ao contrário disso, não poderia existir sem seus links de hipertexto. Como Tim Berners-Lee escreveu: “O discurso livre no hipertexto implica o ‘direito ao link’, que é a unidade de construção mais básica para toda a web.” Não há nada na linguagem escrita tradicional que lembre sequer remotamente essa flexibilidade dinâmica e centralização dos links de hipertexto na web. (Crystal, 2005. p. 88 p. 89)

Entendemos que pensar o regime signico do ciberespaço amplia a noção de signo, predominantemente concebida a partir do conceito de ‘signo linguístico’, estruturado segundo um sistema semiótico próprio à cultura escrita, que vai formalizar um modelo cognitivo ociden-





tal lógico formal. Isto que consideramos como 'ampliação da noção de signo' remete-nos a outras estruturas semióticas vigentes, como, por exemplo, àquela concernente à cultura indígena de tradição oral.

É interessante ressaltar que a hipertextualidade da web evidencia a essência híbrida de todo regime de signos, incluindo o signo linguístico, mostrando-nos, com isso o caráter infundado de afirmações logocêntricas baseadas na preponderância da língua. Traremos para esta discussão a concepção de textualidade defendida por Maria Eugênia Babo, 2005, onde o texto é entendido como *textura*:

Deve-se à tecnologia informática a capacidade de incorporação de regimes não textuais em regimes textuais, articulando sistemas gráficos, imagéticos e sonoros, numa intersemiotividade não hierarquizada.(...) Podemos dizer, de uma forma global, que o aparecimento de um novo media, neste caso o hipertexto, submetido a uma lógica da hibridação, introduz factores estéticos, semióticos e epistemológicos no campo cultural. (Babo, Maria Eugênia. *Do texto como textura heterogênea ao texto como textura híbrida*. in: *Semiótica e Texto*; Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO - VOLUME II.; p.7, 2005)

Que modos de pensar estariam implicados nesta semiótica cibercultural? Que modelos cognitivos diferenciados podem surgir com o regime de signos em vigor na hipermídia da Internet? Neste

sentido, Lopes (2005,p.28) propõe um pensamento rizomático ou hipertextual:

"Pensar hipertextualmente é um pensamento se fazendo constantemente, mais parecido com a atividade própria do pensamento, pois, na escrita do papel um pensamento é um firmamento. Na escrita eletrônica, o pensamento está permanentemente aberto e em movimento." (Lopes,p.28. in: Da possibilidade de exercício de memória criativa: internet, blogs e bloggers)

Desta forma, entendemos que a Internet possibilita uma formação cultural específica, que não é fundamentalmente pertencente à Cultura Letrada, geralmente privilegiada nas políticas públicas, com parâmetros etnocêntricos e colonizadores. A Internet apresenta-se como uma formação cultural híbrida, calcada no desenvolvimento de um know-how, de um saber fazer, que une aspectos da oralidade e da escrita.

Vera Dodebei apresenta uma importante contribuição para essa discussão quando se propõe a analisar a era paradoxal com base nas características descritas para o relato mítico, indicando que a primeira grande ruptura na estabilidade da escrita é, como na oralidade, a possibilidade de autoria múltipla. Recortes e recomposição da informação são incentivados pelo livre acesso aos estoques de conhecimento do espaço virtual. Para Lévy, a memória social do pólo informático-mediático





está em permanente transformação e se encontra quase totalmente objetivada em dispositivos técnicos. Os atores da comunicação dividem o mesmo hipertexto e as mensagens duram menos, configurando, assim, um modelo de conhecimento por simulação, em contraposição ao modelo interpretativo do pólo da escrita, em que a memória se objetiva no texto finito e exige a identificação do indivíduo, isto é, a definição da autoria. (Dodebei, 2008 p.18 e p.19)

Ao pensarmos que os índios teriam mais facilidade em utilizar a linguagem hipermediática da Internet, porque o seu olhar panóptico e divergente elaboraria uma forma de pensar, favorável ao 'pensamento hipertextual' e a mobilidade e fluxo de imagens presentes na web, estamos valorizando sua cultura, justamente no que se refere aos aspectos cognitivos. Desta forma, pretendemos, não separar duas formas de pensar diferenciadas, de um ponto de vista valorativo, mas sim, enfatizar que a Cibercultura pode ser um fator de diálogo entre duas culturas que, apresentam-se conflitantes historicamente.

2. Um estudo de caso do blog indígena Arco Digital

É interessante iniciarmos nossa análise pelo contexto de criação do blog, que surge em abril de 2004 quando, pela primeira vez sete nações indígenas do

nordeste brasileiro, Pankararu (PE), Xucuru-Kariri, Kariri-Xocó (AL), Tumbalalá, Kiriri, Tupinambá e Pataxó Hahahae (BA), com um único computador em cada aldeia, iniciam uma interconexão. O projeto surge com apoio da ONG THYDEWAS e em agosto de 2006 passa a ter o apoio do Instituto Oi Futuro, ganhando a dimensão de 'Comunidade Colaborativa de Aprendizagem'. "Lançado oficialmente no 3º ENCONTRO DA REDE INDIOS ON-LINE, nos dias 25,26 e 27 de setembro em Tupinambá – BA., com a audácia criativa de Nhenety Kariri-Xocó, o projeto passa a se chamar: O ARCO DIGITAL"³

Encontramos a seguinte definição no próprio blog:

O ARCO DIGITAL é uma COMUNIDADE COOLABORATIVA de APRENDIZAGEM com mais de 100 indígenas INTERAGINDO a favor do DESENVOLVIMENTO de suas COMUNIDADES (Página principal do blog *Arco Digital*. Disponível em: <http://www.indiosonline.org.br/blogs/>)



Página principal do blog Arco Digital





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

Os indígenas participantes devem completar um colar com muitas pedras, sementes e penas, o equivalente a 320 horas de trabalho a fim de receber um certificado de participação. A avaliação é “processual e compartilhada por todos os participantes do portal”. A venda de 3000 exemplares de livros que sistematizem a troca de experiências no portal ajuda a promover a autosustentabilidade do projeto, que também conta com apoio do ministério da Cultura e do ministério das Comunicações.

Para registrar um login, o internauta deve preencher um formulário de registro, onde encontramos campos específicos, tais como: Nome Indígena; Nação Indígena e Aldeia a qual cada participante pertence, o que denota um posicionamento étnico que vai além da autodefinição enquanto indígena. Alguns comentários aparecem seguidos de informações sobre etnia e nação indígena, conforme o exemplo abaixo:

Comentário de: Nanblá Gakran - *indio da etnia Laklânõ (Xokleng) - SC* [Visitante] (postado em 25.09.09 11:20. Comentário do post ‘as línguas indígenas’)

Pereira (2008) emprega o neologismo “tecnossocial” para tratar de novas formas de experimentação proporcionadas pelas especificidades interativas das tecnologias comunicativas digitais. Esta abordagem opta por um caminho intelectual que enfatize a ausência de

contraposição ou determinismos entre a experiência social e a tecnologia. A autora ressalta que o contexto tecnossocial informativo possibilita novas formas dinâmicas de atuação étnica indígena:

Pois esses novos sujeitos estão na rede e, como mencionado, eles utilizam principalmente o blog, ferramenta mais interativa, para se posicionarem enquanto “indígenas”, mas não somente auto-identificados por essa categoria genérica, mas principalmente, “étnica”, ou seja, se posicionam enquanto Guarani, Potiguara, Maytapu, Munduruku, etc. (PEREIRA, 2008, p. 8)

Desta forma, o uso da Internet pelos índios aponta para a construção de uma protagonização indígena, como mecanismo de reelaboração étnica. O blog procura ressaltar a implicação ativa da criatividade indígena na construção do espaço público da web, a partir da analogia da tecitura dos fios da rede artesanal com a rede comunicacional da web:

Seremos então CO-AUTORES de um processo de emancipação, de libertação, de partilha de saberes, de enriquecimento mútuo. Tecendo com fios acadêmicos e fios tradicionais, com fibra ótica e com humanidade, recriamos uma REDE, que outrora foi invenção dos índios e hoje é para o balanço de todos.

Podemos dizer que o uso das NITCs pelos índios promove uma desterritorialização do senso comum do “índio romantizado”.





Certamente as minorias são estados que podem ser definidos objetivamente, estados de língua, de etnia, de sexo, com suas territorialidades de gueto; mas devem ser consideradas também como germes, cristais de devir, que só valem enquanto detonadores de movimentos incontrolláveis e de desterritorialização da média ou da maioria. (Deleuze, 1980. Mil Platôs, v. 2; p.53, 2002)

A intensidade e a força desta desterritorialização da maioria faz com que o senso comum se torne minoria e promove um “protagonismo indígena”. PEREIRA, 2008 defende a tese de que a emergência das redes digitais interativas motiva agenciamentos provocadores de uma ‘reelaboração hipertextual da representação sobre si’, instigantemente denominada de “ciborgues indígenas. Br”. Essa “nova ideologia protagônica” surgida nos espaços tecnossociais das redes digitais contribui para a “desestigmatização” da identidade étnica indígena. Desta forma, a visibilidade de saberes e culturas e a interculturalidade é potencializada no ciberespaço, a partir da promoção de um diálogo entre culturas mais direto e horizontal. (PEREIRA, 2008). Devemos ressaltar aqui a ‘liberação do pólo da emissão’, característico das mídias de função pós-massiva, conforme sugerido por Lemos, 2009, para entendermos o caráter universal e pós-massivo da blogosfera como um poderoso instrumento na construção identitária indígena, afinal, os sujeitos indígenas passam a ser autores da própria informação.

3. Memória e Patrimônio indígenas na blogosfera

Discutiremos agora as novas possibilidades de configuração da memória social e do patrimônio indígena em ambiente virtual. Os atributos ‘digitalidade’ e ‘virtualidade’ quando associados aos conceitos de ‘memória social’ e ‘patrimônio’ inauguram uma reformulação conceitual dos mesmos, o que implica em outros modos de conceber a transmissão e preservação do conhecimento.

É interessante retomarmos a noção proposta por Dodebeij, 2008 relativa à idéia de ‘preservação por disseminação’, para pensarmos as novas formas de preservação do patrimônio indígena a partir de sua disseminação na blogosfera. Podemos dizer então, que o atributo ‘digitalidade’ revela o automovimento e o potencial criador presentes no conceito de patrimônio, denotando o seu caráter mobilizador. Porque como lembra Deleuze (1992) “não basta dizer: os conceitos se movem. É preciso ainda construir conceitos capazes de movimentos intelectuais.” (in: Conversações, p.152)

Podemos pensar, então, que o patrimônio digital efetua uma difícil passagem daquilo que seria a ‘individualização’ do patrimônio para os diferentes ‘processos de individualização do patrimônio’. Essa transição coincide com outra, àquela relativa à concepção mesma de índi-





víduo, passando da concepção estática e totalizante de individualismo proposta na modernidade para uma noção mais aberta, dos diferentes modos de individuação que surgem na pós-modernidade.

O 'patrimônio como individuação' implica sujeitos ativos e empenhados em sua preservação, eles mesmos auto-implicados neste processo, pois enquanto reconstróem seu patrimônio, também reconstróem seus modos de subjetivação, efetuando uma escrita de si inseparável de uma escrita do mundo.

FREIRE, J. R. Bessa, 2002 contribui para pensarmos "o que os índios representam em termos de presente e de futuro", ao narrar sua entrevista com o líder Ampam Krakas feita em 1980 quando seu povo, o Shuar, que vive uma parte no Equador e outra no Peru, decide criar a Rádio Shuar:

"Cuál es tu Pátria?"
Ele me respondeu:
"Mi pátria grande es el Ecuador y mi pátria chica es el Shuar."

Este diálogo nos levou a pensar sobre a Internet como um lugar onde as 'pátrias chicas' se encontram, dada a capacidade das mídias pós-massivas em recuperar inclusive a riqueza da diferenciação dialetal que, segundo Claude Hagège(2000), possibilita a aparição de novas línguas. Desta forma, os blogs e outras redes sociais na web podem re-

presentar um poderoso instrumento de recuperação do patrimônio linguístico, a partir do uso da escrita e das Novas tecnologias pelos índios. A necessidade de reconstrução de uma memória e recuperação de um patrimônio implica um uso destes instrumentos da cultura letrada e da cibercultura não como algo que anularia suas Tradições, mas sim como uma ferramenta técnica, pois como nos lembra Airton Krenak:

Para mim e para o meu povo, ler e escrever é uma técnica, da mesma maneira que alguém pode aprender a dirigir um carro ou a operar uma máquina. Então a gente opera essas coisas, mas nós damos a elas a exata dimensão que têm. Escrever e ler para mim não é uma virtude maior do que andar, nadar, subir em árvores, correr, caçar, fazer um balaio, um arco, uma fl echa ou uma canoa. Quando aceitei aprender a ler e escrever, encarei a alfabetização como quem compra um peixe que tem espinha. Tirei as espinhas e escolhi o que eu queria. (Krenak, Airton. in: Te mandei um passarinho. Prosas e Versos dos índios do Brasil. p. 15, 2007)

Da mesma forma, Nhenety Kairiri-Xocó define o blog 'Arco Digital' como uma espécie de 'caçador eletrônico', servindo como um instrumento de defesa e caça.⁴ Ao propormos o blog como 'ato de resistência'⁵, estamos levando em conta o ato de criação indígena em ação. A blogsfera relembra-nos então, que "a subjetivação é uma operação artista" (Deleuze, 1992, p.141), ao propiciar o exercício de uma Memória Criativa⁶ capaz de percorrer os diversos limites





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

espacio-temporais em suas ações, com um potencial agente e transformador. Desta forma, os diversos sujeitos indígenas utilizam o espaço público da web, implicando-se tanto na construção do ciberespaço, enquanto agora pública de confluência cultural, quanto na recuperação de suas raízes patrimoniais possibilitada pela Rede Digital.



Referências bibliográficas

Arco Digital. Disponível em: <http://www.indiosonline.org.br/blogs/>. Acesso em: 8 de março de 2010.

BABO, Maria Augusta. *Do Texto como Textura Heterogênea ao Texto como Textura Híbrida* in: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (orgs.), *Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã, Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO*, Volume 2, Teorias e Estratégias Discursivas, Covilhã, LABCOM, Universidade da Beira Interior, 2005, pp. 195-202.

CRYSTAL, David. *A Revolução da linguagem*. Tradução de Ricardo Quintana. Consultoria: Yonne Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992

_____. *O ato de criação* in: *Caderno 4 Mais!*

São Paulo: Folha de São Paulo. Domingo, 27 de junho de 1999.

DELEUZE, Gilles ; GATTARI, Félix. (1980) *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia – vol.2*. Rio de Janeiro: Ed 34, 2002: 1995

DODEBEI, Vera. *Digital virtual: o patrimônio no século XXI* in: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina(orgs.) *E o patrimônio?* Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008

FREIRE, J. R. Bessa. *A herança cultural indígena: quem são os herdeiros?* in: CONDURU, R. SIQUEIRA, V. B. *Políticas públicas de Cultura do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sirirus/FAPERJ, 2003.

HAGÈGE, Claude. *Halte à la mort des langues* Odile Jacob, 2000, p. 361-367.

KARIRI-XOCÓ, Nhenety. *Nossa Tribo*. Disponível em: <http://www.indiosonline.org.br/blogs/>

KRENAK, Airton. *Te mandei um passarinho...Prosas e Versos de índios no Brasil* in: MACIEL, Ina et. al. (orgs). MEC, Literatura para todos, 2007.

LEMOS; André. *Prefácio* in: AMARAL; RECUERO; MONTARDO (orgs.) *Blogs.com. Estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009, p.7-19.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.





LOPES, Andréa Carreiro Kubitschek. *Da possibilidade de exercício de memória criativa: internet, blogs e bloggers*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UNIRIO/PPGMS, 2005.

PEREIRA, Eliete da Silva. *Nos meandros da presença étnica indígena na rede indígena* in: DI FELLICE, M. (org.) *Do público para as redes- a comunicação digital e as novas formas de participação social*. São Caetano do Sul: Editora Difusão, 2008, p. 287-333.

SECIN, Viviam; KAZUE, Ando Vianna. *Diversidade Visual e o Letramento dos Sujeitos da Escola Brasileira* in: *Anais do 17º COLE*. São Paulo; UNICAMP, 2009

_____. *Ortópica, Oralidade e o Letramento de Brasileiros Indígenas*. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade do Estado do Rio de Janeiro, julho de 2007.

Notas

¹ Secim utiliza o termo 'marcas funcionais binoculares' para designar o que antes era considerado como déficit de visão. A autora constrói um diálogo entre as áreas da Ortópica e da Educação na tentativa de propor uma condição de normalidade visual relativa aos sujeitos da diversidade visual, considerando as especificidades étnicas, biológicas e culturais que influem em seus 'modos de ver' o mundo.

² A observação refere-se à palestra *Tenda Digital: Ambientes de imersão e pa-*

trimônio imaterial proferida pelo professor Cabral Filho na FCRB em 27 de maio de 2009.

³ <http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=40&p=1275>

⁴ Por Nhenety Kariri-Xocó no post Nossa Tribo , disponível em: <http://www.indiosonline.org.br/blogs/index.php?blog=40&p=1242&more=1&c=1&tb=1&pb=1>

⁵ Deleuze , em palestra à estudantes de cinema em 1987, define o ato de resistência como ato de arte, capaz de se contrapor às sociedades de controle. *O ato de criação*. in: Folha de São Paulo, 27 de junho de 1999.

Para mais informações, ver: Deleuze, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992

⁶ Conceito em construção pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Para mais informações, ver, por exemplo, a dissertação de mestrado *Da possibilidade de exercício de memória criativa: internet, blog e bloggers*, de Andrea Lopes Kubitschek

